



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA



THIAGO BISPO DA SILVA

**O KARATÊ COMO PRÁTICA SOCIAL: realidade profissional vivida pelos árbitros,
técnicos e atletas do Campeonato Mineiro realizado em Uberlândia/MG em 2018**

**UBERLÂNDIA
2019**

THIAGO BISPO DA SILVA

O KARATÊ COMO PRÁTICA SOCIAL: realidade profissional vivida pelos árbitros, técnicos e atletas do Campeonato Mineiro realizado em Uberlândia/MG em 2018

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do certificado de graduado em Licenciatura/Bacharelado em Educação Física.

Orientadora: Profª. Dra. Sônia Bertoni

UBERLÂNDIA
2019

THIAGO BISPO DA SILVA

O KARATÊ COMO PRÁTICA SOCIAL: realidade profissional vivida pelos árbitros, técnicos e atletas do Campeonato Mineiro realizado em Uberlândia/MG em 2018

Trabalho de conclusão de curso apresentado a Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do certificado de graduado em Licenciatura/Bacharelado em Educação Física.

Orientadora: Profª. Dra. Sônia Bertoni

Uberlândia, 12 de Dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____

Prof.^a Dra. Sônia Bertoni – FAEFI/UFU

Membro: _____

Prof. Dr. Vagner Matias do Prado – FAEFI/UFU

Membro: _____

Prof. Esp. Célio Antonio da Silva – E. E. Marechal Castelo Branco

Coordenador do Curso: Prof. Dr. Eduardo Henrique Santos Rosa

O KARATÊ COMO PRÁTICA SOCIAL: realidade profissional vivida pelos árbitros, técnicos e atletas do Campeonato Mineiro realizado em Uberlândia/MG em 2018

THIAGO BISPO DA SILVA

Graduando da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia

E-mail: t.bispoo@hotmail.com

Dra. SÔNIA BERTONI

Professora Associada da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia

E-mail: sonia.bertoni@ufu.br

RESUMO

Esta foi uma pesquisa de campo de caráter exploratório. O objetivo geral foi analisar o esporte karatê como prática social, utilizando como meio, a participação dos árbitros, atletas e técnicos do Campeonato Mineiro realizado em Uberlândia em 2018. Mais especificamente, identificar a realidade profissional vivida pelos árbitros, técnicos e atletas que participaram do evento. A amostra do estudo foi determinada por pelo menos 90% do quadro de árbitros, 40% do quadro de atletas, e pelo menos 80% do quadro de técnicos participantes do evento. Os instrumentos de coleta de dados foram três questionários, um direcionado aos técnicos, outro aos atletas e outro aos árbitros. As análises foram tanto quantitativas quanto qualitativas. Verificamos o percentual das respostas bem como analisamos no final o conteúdo nelas contido. Os principais resultados indicam que a maioria dos árbitros foram atletas e se tornaram árbitros mais pelo romantismo do que pelo profissionalismo. Em relação aos atletas, todos eles falaram em participar dos campeonatos pelo amor à arte e não como uma profissão, eles são jovens e foram motivados por pais e amigos. Todos os técnicos respondentes disseram ter sido atletas e que ser técnicos não caracteriza a profissão deles, também alegaram a necessidade de formação profissional. Todas as três categorias, árbitros, atletas e técnicos, apontaram como problemas a falta de recursos financeiros, materiais e humanos. Podemos concluir, após identificar todas essas falas, um imenso descaso com o esporte brasileiro, mais especificamente falando aqui da luta, karatê, que foi o que pesquisamos e acompanhamos durante todo o evento. Identificamos a falta de incentivo financeiro, profissionalismo, organização e gestão estrutural o que, no nosso entendimento, implica em falta de política pública para o esporte brasileiro. O esporte, pela fala dos respondentes, ainda vive pelo romantismo pela arte marcial e pelo amor ao esporte, este ainda sobrevive por doações e por emenda parlamentares de vereadores que, esporadicamente, fazem projetos para o desenvolvimento do esporte e lazer, algo que não vamos, neste momento, analisar e colocar em pauta. Nos cabe também aqui refletir, mesmo que de forma sucinta, a importância do papel das universidades brasileiras para a realização de pesquisas de políticas públicas, gestão e treinamentos de esportes de alto rendimento e atividades de lazer para o avanço da ciência nessa área, assim como a gestão de políticas públicas para que as práticas sociais possam ser realizadas, e que estas não se atenham ao amadorismo, como vimos no evento que acompanhamos, levando em conta o posicionamento dos respondentes da pesquisa, visando colaborar para mudar a realidade do esporte brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: karatê; campeonato mineiro de karatê; prática social.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como tema central o karatê. A gênese deste estudo surgiu em função de nossa participação na organização do evento Campeonato Mineiro de karatê, realizado na cidade de Uberlândia/Minas Gerais (MG), e a oportunidade de ter contato com os profissionais envolvidos, que são membros da Federação Mineira e representam de certa forma o esporte no estado. Além disso, a proximidade que temos com o tema lutas, especificamente o karatê, também teve bastante influência.

Segundo Frosi e Mazo (2011), o karatê é uma arte marcial conhecida por muitos no mundo, tem como princípio fundamental a luta sem a utilização de armas, ou seja, é uma luta de “mãos vazias”, o que proporciona disciplina aos seus praticantes por não utilizar objetos externos para o combate. Muitos autores relatam que o karatê não tem uma origem definida, mas apontam países como Japão e Índia como possíveis criadores da arte marcial.

Não se tem exatidão das origens precisas do karatê, mas sabe-se que desde a antiguidade há a necessidade de o homem se defender, e isso fez com que este desenvolvesse diferentes tipos de lutas em diferentes épocas e regiões do mundo. Embora a história do karatê tenha indícios de ter começado na China, o karatê, as técnicas tiveram originalidade japonesa, precisamente na ilha Okinawa, onde se desenvolveu (FROSI; MAZO, 2011).

Segundo Lopes Filho e Monteiro (2015), Okinawa, situada a sudeste do Japão, é considerada o berço do karatê, pois foi onde nasceu a arte marcial chamada TE (“Mãos”), também conhecida como Okinawa-TE (“Mãos de Okinawa”), que mais tarde se tornaria o karatê que conhecemos hoje. A prática de TE não era exclusiva de um único local, a cada local em que era praticado este recebia diversas influências, e foi a partir daí que começou a surgir os primeiros estilos, também conhecidos como estilos clássicos, em que um deles era mais explosivo, outro mais defensivo e o outro mais cadenciado. Esses estilos desenvolveram-se na ilha de Okinawa nas três principais cidades: Naha, Tomari e a capital Shuri, recebendo os nomes de Naha-tê, Tomari-tê e Shuri-tê.

A história retrata que um monge chamado Bodhidarma viajou à China para transmitir seus conhecimentos no templo Shaolin, na província de Rom. Chegando ao templo, percebeu uma precária condição de saúde dos monges, fruto da sua inatividade, e logo então iniciou os monges na prática de uma série de exercícios físicos, ao mesmo tempo em que transmitia os fundamentos de sua filosofia, com o objetivo de reabilitá-los tanto física quanto espiritualmente. O karatê cresceu e foi reconhecido rapidamente, entendendo-se que a técnica não era apenas de luta, mas uma arte que trazia sobre si muita cultura, valores morais e éticos,

além de contribuir para a saúde física, mental e espiritual de quem a pratica. (FROSI; MAZO, 2011)

O karatê moderno foi desenvolvido pelo mestre Gichin Funakoshi, que deu ao karatê de Okinawa o impulso que este precisava para uma expansão, que não conheceria mais fronteiras. Reconhecido mundialmente como pai do karatê moderno, não poupou esforços para desenvolver e divulgar a arte, seu trabalho foi árduo e incisivo, e todos os seus estudos foram essenciais para o desenvolvimento do karatê moderno. Aos 21 anos, Funakoshi tornou-se professor da escola primária, profissão esta que se seguiu por 30 anos (BARREIRA; MASSIMI, 2006).

Segundo Frosi e Mazo (2011), o karatê diferencia-se por alguns estilos. Cada estilo destaca-se por idealizar alguns conceitos e por ter um idealizador diferente. As primeiras técnicas do que hoje se assemelha ao karatê eram rudimentares, utilizando-se de chutes, socos e empurrões, e eram utilizadas ferramentas de trabalho no campo como armas, o que contradiz ao karatê moderno, pois o significado direto de karatê é “mãos vazias”. A partir do século XVII, samurais apropriaram-se dessas técnicas rudimentares e, realizando intercâmbios com a marinha e militares chineses, aprenderam técnicas de artes marciais e aperfeiçoaram o Te, criando assim o To-de, que significa karatê em japonês no dialeto de Okinawa.

Ainda para esses autores citados anteriormente, ao término da Segunda Guerra Mundial, muitos imigrantes japoneses mudaram-se para o Brasil, trazendo consigo costumes e tradições, formando a colônia japonesa em São Paulo, e dentro dessa cultura que veio com eles estava o karatê. No ano de 1955, a primeira academia de karatê foi estabelecida em São Paulo, pelo sensei Mitsusuke Harada, a partir disso, o karatê começou a ser difundido pelo Brasil, sendo criadas outras academias e consequentemente criando outros estilos da luta. Atualmente, o karatê passa por uma transformação, deixando de ser só uma arte marcial e passando a ser luta também, voltada para a competição esportiva.

Como já foi dito, existem vários estilos de karatê e o processo obrigou esses estilos a criarem o “Karatê Esporte”, em que passou a existir algo em comum para uma competição justa, ou seja, houve uma regulação para que o karatê tenha regras como esporte e fique justo a todos os estilos. (KANASHIRO, 2008).

Segundo Barreira e Massimi (2006), o karatê como esporte é dividido em duas etapas durante a competição: o Kata e o Kumite.

O Kata é uma luta “imaginária” em que não há contato de dois competidores, é composta por movimentos pré-estabelecidos, envolvendo técnicas, postura, concentração, vigor e respiração adequada a cada Kata. Já o Kumite (combate) é a luta propriamente dita,

em que dois adversários se enfrentam, observando a graduação e respeitando as regras pré-estabelecidas para a luta.

A história do estilo Kenyu-Ryu no Brasil e em Minas Gerais começa com a chegada de Sensei Akio Yokoyama no porto de Santos, São Paulo, vindo diretamente do Japão, recém-formado na Universidade de Tenri. Em Tenri, formou-se em Ciências Contábeis e Administrativas e treinou karatê, graduando-se 4º dan e sendo campeão Universitário (KENYU-RYU, 2016).

Com a intenção de divulgar sua arte, em seu pensamento jovem e arrojado, resolveu sair de sua pátria e vir ao Brasil em agosto de 1965, algo que outros mestres japoneses já haviam feito. No mesmo dia, dirigiu-se à capital paulista instalando-se no bairro da Liberdade (Colônia Japonesa) por uma noite e no dia seguinte dirigiu-se à cidade de Belo Horizonte (MG), uma vez que sua intenção em outro país não era a de conviver com colonos japoneses, e sim, com brasileiros. Foi para Belo Horizonte por saber que a cidade tinha um clima ameno e agradável e por ter ouvido dizer que uma firma siderúrgica do Japão havia se instalado em Minas Gerais. Nesse mesmo ano começou a visitar academias de arte marcial em Belo Horizonte pedindo para iniciar aulas de karatê, sendo recusado por todas, e assim, desinteressando-se pela arte. Apenas uma academia de judô “Samurays Gim”, administrada por Márcio Braga, acredita e cede espaço a Sensei Akio, tendo início assim o karatê em Minas Gerais. (KENYU-RYU, 2016)

Em Uberlândia, sabe-se da existência de atletas que se destacaram não só no Campeonato Mineiro, como também nos campeonatos brasileiros, Pan Americanos e até em mundiais. No que diz respeito à história e como chegou à cidade de Uberlândia, os esportes karatê e judô foram trazidos pelo precursor Sensei Kimifuko Takey, pelo Clube Uberlandense de Karatê. Em 12 de Outubro de 1984, o professor Rui Barbosa Parente inaugurou a Academia Takey Sports em homenagem ao pioneiro da arte marcial em Uberlândia, fatos estes que podem ser confirmados no site da academia. (TAKEY, 2018).

A gênese deste estudo ocorreu devido à organização e realização do Campeonato Mineiro de Karatê (CMK) – Seletiva para o Brasileiro Oficial, em parceria feita entre a Universidade Federal de Uberlândia e a Federação Mineira de Karatê. Nossa intenção foi aproveitar a realização do evento, uma vez que estavam presentes os árbitros da Federação Mineira de Karatê, técnicos e atletas e buscar elementos para compreender a realidade do karatê como uma prática social.

Nesse sentido, elaboramos esta pesquisa cujo objetivo geral foi analisar o esporte karatê como Prática Social, utilizando como meio, a participação dos árbitros, atletas e

técnicos do Campeonato Mineiro realizado em Uberlândia em 2018. Mais especificamente, identificar a realidade profissional vivida pelos árbitros, técnicos e atletas que participaram do evento.

Segundo Carreiro (2005), as lutas passam por um período de grande expansão em nível mundial. Diversas modalidades são divulgadas pelos diferentes veículos midiáticos e ganha, cada vez mais, apreço pelo público (NUNES, 2013). Desde sua utilização para o ensino de técnicas de defesa pessoal, esporte e Prática Social que contribui para a manutenção da saúde, as lutas também são utilizadas durante o processo de formação para a transmissão de conteúdos pedagógicos que impactam na formação humana, ética, social e comunitária de seus praticantes. Porém, ainda é incipiente a produção científica na área, este trabalho justifica-se no sentido de aumentar o acervo científico e, além disso, colabora no sentido de compreender a realidade do esporte como prática social com base na visão dos árbitros, técnicos e atletas de karatê, e quem sabe possibilitar reflexões que tragam caminhos para se pensar em políticas públicas de esporte de forma mais efetiva.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi caracterizada da seguinte forma: sob o ponto de vista de sua natureza, caracteriza-se como uma pesquisa aplicada, cujo objetivo foi gerar conhecimentos para aplicações práticas dirigidas à solução de problemas específicos; sob o ponto de vista da forma de abordagem ao problema, caracteriza-se como qualitativa; do ponto de vista dos objetivos, ela é exploratória com características descritivas e analítico-críticas; e, por fim, os procedimentos técnicos inseriu-se na pesquisa de campo, que está voltada para o estudo de indivíduos, grupos, comunidades, instituições, entre outros, que tem como objetivo compreender os diversos aspectos da sociedade, conseguir informações e/ou conhecimentos a cerca de um problema e descobrir novos fenômenos e suas relações (GIL, 1991).

Para Spink (2003, p 18),

[...] pesquisa de campo é empregada para descrever um tipo de pesquisa feita em lugares da vida cotidiana e fora do laboratório ou da sala de entrevista. Logo, o pesquisador vai a campo para coletar dados que posteriormente serão analisados utilizando uma variedade de métodos tanto para coleta quanto para análise.

Em relação ao caráter exploratório, de acordo com Mattar (2014, p. 9):

A pesquisa exploratória visa prover o investigador de maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em perspectiva. Por isso, é apropriada para os primeiros estágios da investigação quando a familiaridade, o conhecimento e a compreensão do fenômeno, por parte do pesquisador são, geralmente, insuficientes ou inexistentes. Quando a familiaridade, o conhecimento e a compreensão do fenômeno, por parte do pesquisador são, geralmente, insuficientes ou inexistentes.

Os participantes da pesquisa foram os árbitros, os atletas e os técnicos que participaram do Campeonato Mineiro de Karatê realizado em outubro de 2018 na cidade de Uberlândia (MG). Esse campeonato foi um evento mineiro regional, seletivo para brasileiros, e estimulou práticas esportivas de qualidade, além de promover o conhecimento dessa arte marcial para a comunidade acadêmica e local. Tal evento foi realizado em Uberlândia e contou com todo o aparato da Federação Mineira de Karatê, seu objetivo foi selecionar os melhores atletas da região para representar o estado de Minas Gerais nos próximos eventos que seguiram durante os anos de 2018 e 2019.

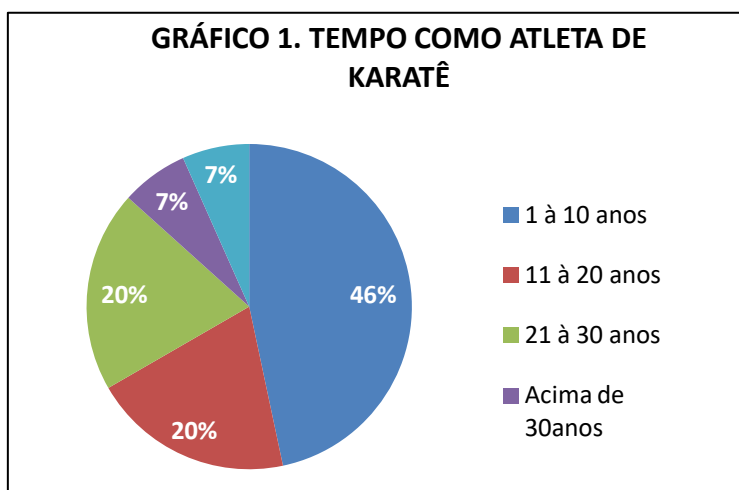
Foi um evento realizado pela Federação Mineira de Karatê (FMK) em parceria com a Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia (FAEFI/UFU), com alta complexidade e estrutura necessárias para a prática correta da modalidade, incluindo o número de categorias oficiais disputadas no país (222 categorias), e o grande número de profissionais, atletas dirigentes e público em geral (aproximadamente 1.500 pessoas). Esse evento propiciou contatos com profissionais (árbitros, atletas e técnicos) que representam o karatê no estado de Minas Gerais (PROJETO, 2017).

A população foi de 21 árbitros atuando no evento, aproximadamente 105 atletas e 29 técnicos. A amostra do estudo foi determinada por pelo menos 90% do quadro de árbitros, 40% do quadro de atletas, e pelo menos 80% do quadro de técnicos participantes do evento. Os instrumentos de coleta de dados foram três questionários estruturados, um direcionado aos técnicos, outro aos atletas e outro aos árbitros.

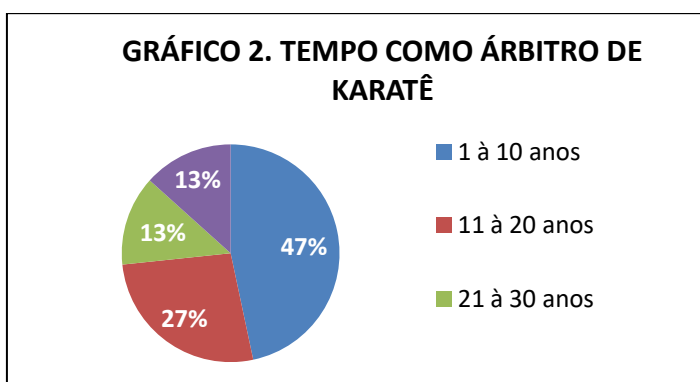
As análises foram tanto quantitativas quanto qualitativas. Verificamos o percentual das respostas e analisamos o conteúdo nelas contidos.

RESULTADOS

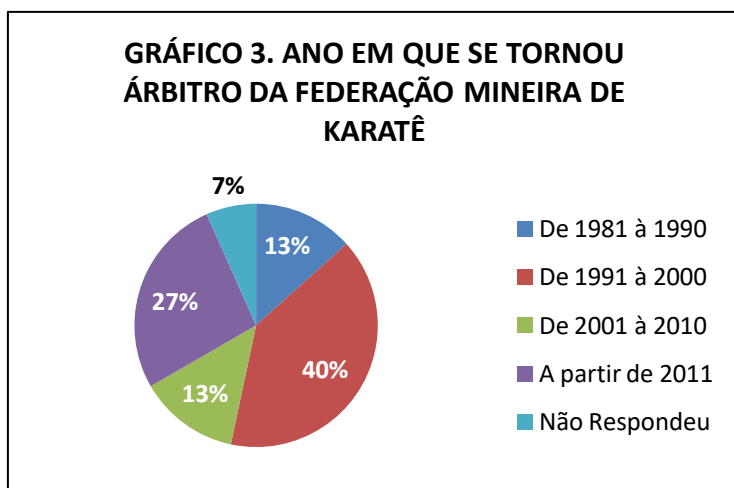
Resultados encontrados após análise de dados da pesquisa realizada com os árbitros.



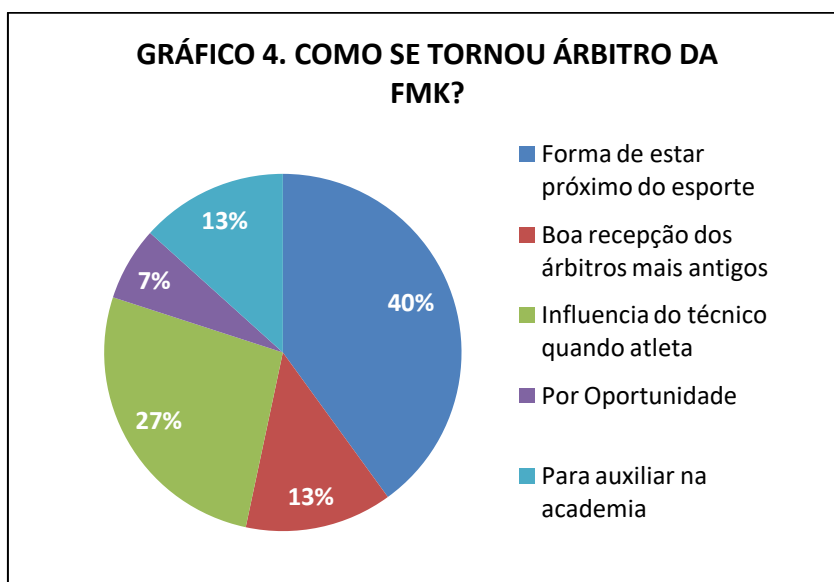
Após serem questionados sobre quanto tempo os árbitros foram atletas de karatê, o Gráfico 1 apresenta os seguintes dados: 7 (46%) deles disseram que foram atletas de 1 a 10 anos; 3 (20%) deles disseram que foram atletas de 11 a 20 anos; 3 (20%) não responderam; apenas 1 (7%) disse que foi atletas de 21 a 30 anos; e apenas 1 (7%) disse que foi atleta de karatê mais que 30 anos. Os dados estão presentes no Gráfico 1 acima.



Em relação ao tempo como árbitro de karatê, podemos verificar no Gráfico 2 que 7 (47%) disseram que atuam como árbitros de 1 a 10 anos; 4 (27%) disseram que atuam de 11 a 20 anos; 2 (13%) atuam de 21 a 30 anos e 2 (13%) atuam mais de 30 anos.

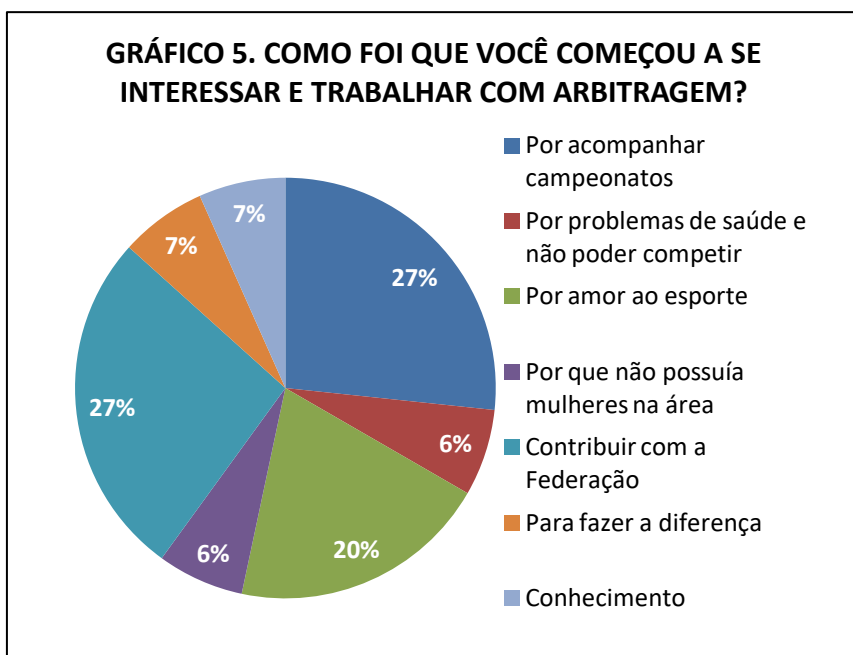


Em análise aos dados da pergunta que buscava saber o ano que o árbitro se filiou à Federação Mineira de Karatê (FMK), podemos observar no Gráfico 3 que 6 (40%) disseram que se filiaram à Federação Mineira de Karatê de 1991 a 2000; 4 (27%) disseram que se filiaram à Federação Mineira de Karatê a partir de 2011; empatados seguem os que disseram que estão filiados de 2001 a 2010, e de 1981 a 1990 com 2 (13%) entrevistados cada; e 1 (7%) não respondeu a pergunta.



Já os dados do Gráfico 4 mostram a análise em relação à pergunta “como se tornou árbitro da FMK”, podemos observar que 6 (40%) responderam que foi como uma das formas de estar próximo ao esporte; 4 (27%) disseram que se tornaram árbitros da Federação Mineira de Karatê por influência do técnico; 2 (13%) disseram que foi pela boa recepção dos árbitros

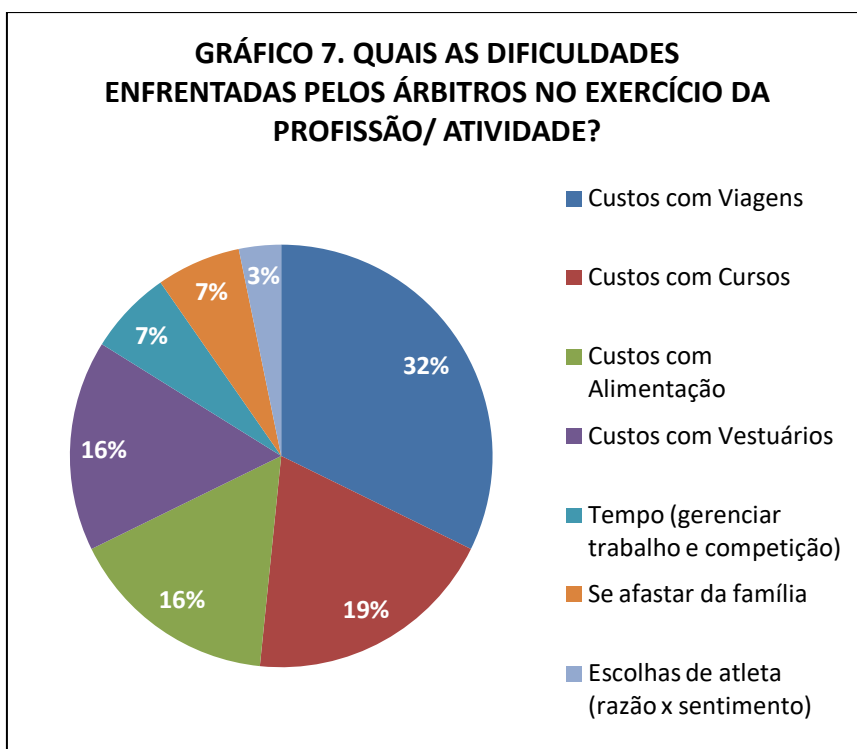
mais antigos; 2 (13%) disseram que foi para auxiliar na academia em que treinavam; e 1 (7%) disse que por oportunidade.



No Gráfico 5, os dados apresentados mostram o interesse em trabalhar com arbitragem: 4 (27%) árbitros disseram que o interesse foi despertado por acompanhar campeonatos do esporte; 4 (27%) disseram que tiveram interesse em ser árbitros para ajudar a FMK; 3 (20%) disseram que por amor ao esporte; e empatados com 1 (7%) cada, estão os que tiveram o interesse por não poder competir, porque não havia mulheres na área, os que escolheram ser árbitros para fazer a diferença e os que quiseram experimentar a arbitragem por conhecimento.



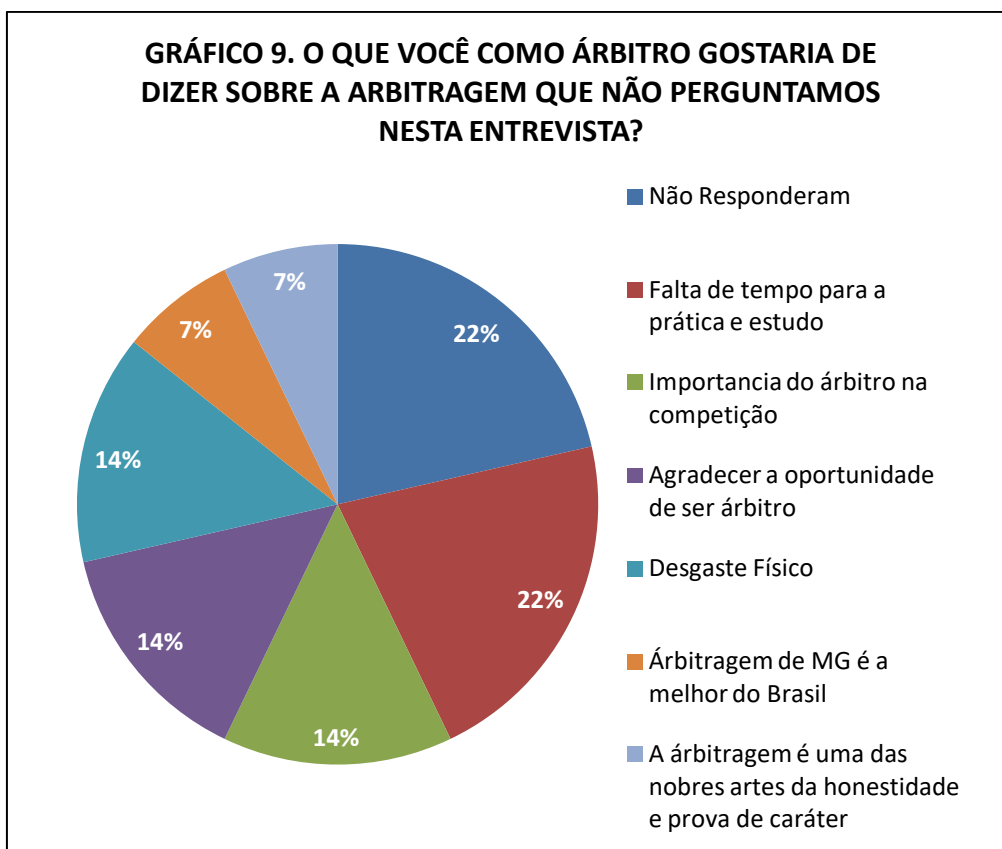
Em análise aos dados da questão em que buscava saber se os árbitros viviam da arbitragem ou se tinham outras formas de renda, o Gráfico 6 aponta que do total de 15 árbitros, 14 (93%) disseram que não vivem da arbitragem e 1 (7%) vive da arbitragem. Em paralelo a essa questão, podemos observar as profissões mencionadas por estes que não vivem da arbitragem, dentre as profissões temos profissional da Educação Física, gestor de frota, servidor público, impressor serigráfico, representante comercial, oficial de usina, analista de sistemas. Sete (50%) não quiseram responder à questão.



Ao que diz respeito às dificuldades enfrentadas pelos árbitros no exercício da profissão/atividade, o Gráfico 7 apresenta que a incidência de respostas foi que 10 responderam (32%) que as dificuldades são os custos com viagens; 6 (19%) responderam que são os custos com cursos; 5 (16%) disseram que são os custos com alimentação; 2 (7%) mencionaram os custos com vestuários; 2 (7%) responderam sobre a dificuldade em gerenciar o tempo e de se afastar da família; e 1 (3%) a dificuldade no julgamento dos atletas.

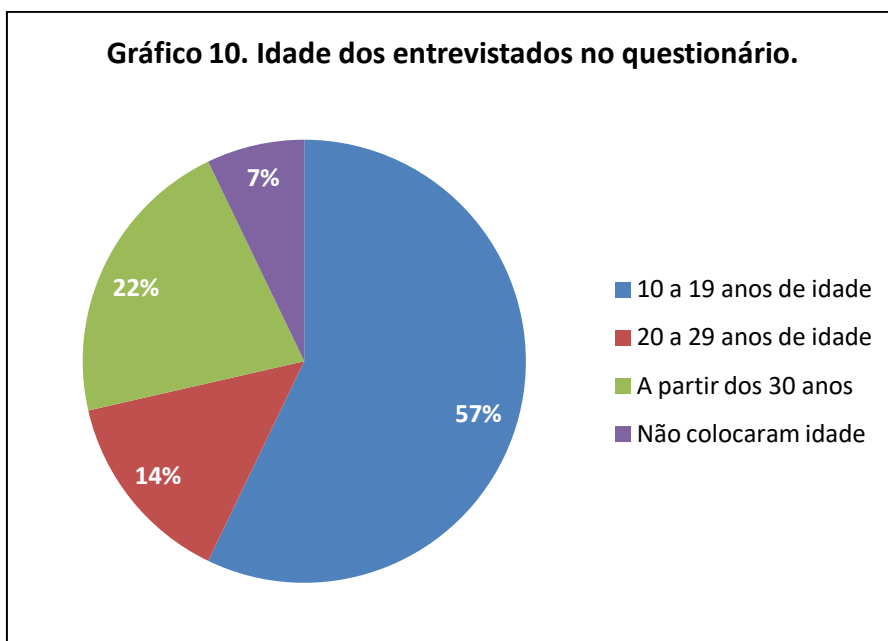


No Gráfico 8, os dados mostram que em relação ao que os árbitros gostariam que mudassem nos eventos desse esporte, 5 (29%) responderam que deve haver melhorias nos recursos fornecidos; 4 (24%) disseram que nada deve ser melhorado; 3 (18%) disseram que uma maior remuneração seria algo satisfatório; 2 (12%) disseram que mais cursos seria algo importante a se pensar; 2 (12%) não responderam a questão; e 1 (6%) disse que o marketing deixa a desejar.

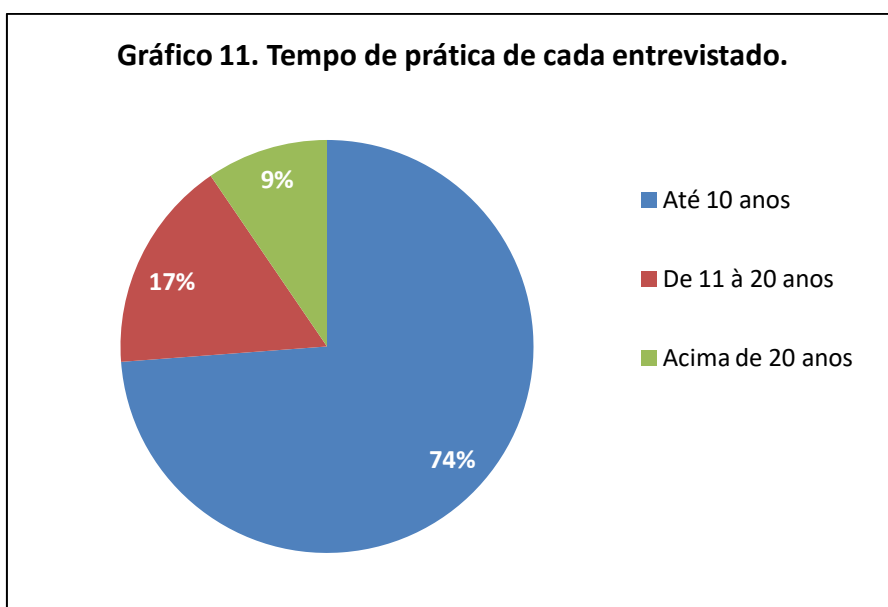


Na nona questão do questionário, foi aberto um espaço para que os árbitros comentassem algo que não foi perguntado durante a entrevista. De acordo com o Gráfico 9, podemos verificar que 3 (20%) árbitros não quiseram responder a questão; 3 (13%) disseram que a falta de tempo para a prática e estudo da arbitragem é um dos pontos a melhorar; 2 (13%) disseram que deveria ser questionado sobre a importância do árbitro na competição; 2 (13%) disseram que gostariam de agradecer pela oportunidade de serem árbitros; 2 (13%) disseram que o desgaste físico é um dos pontos que deve ser observado mais de perto pelos organizadores dos eventos; 1 (7%) disse que a arbitragem de Minas Gerais é a melhor do Brasil; e 1 (7%) disse que a arbitragem é uma das nobres artes da honestidade e prova de caráter.

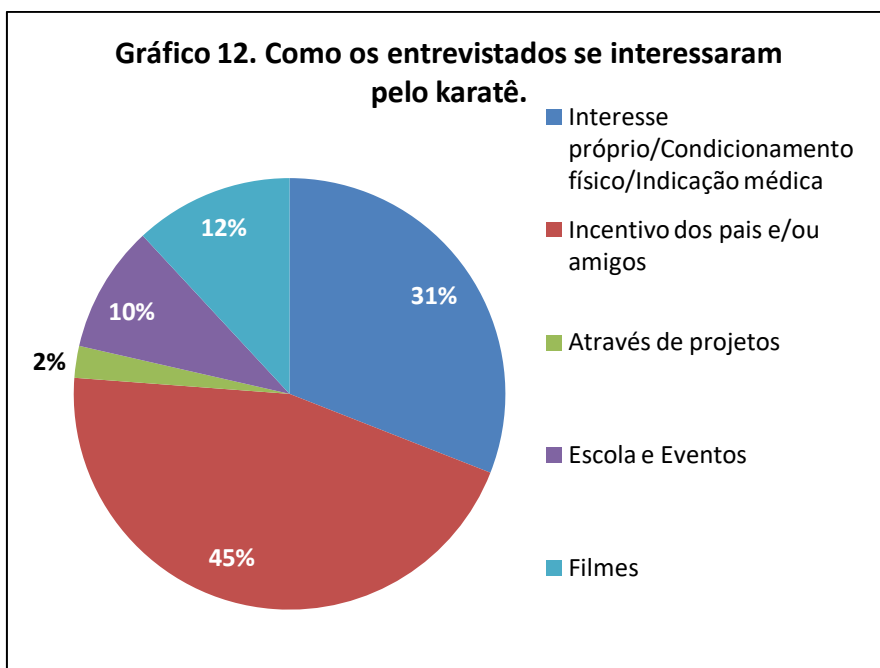
Tabulação do questionário aplicado com atletas em março de 2018 no Campeonato Mineiro de Karatê-Do.



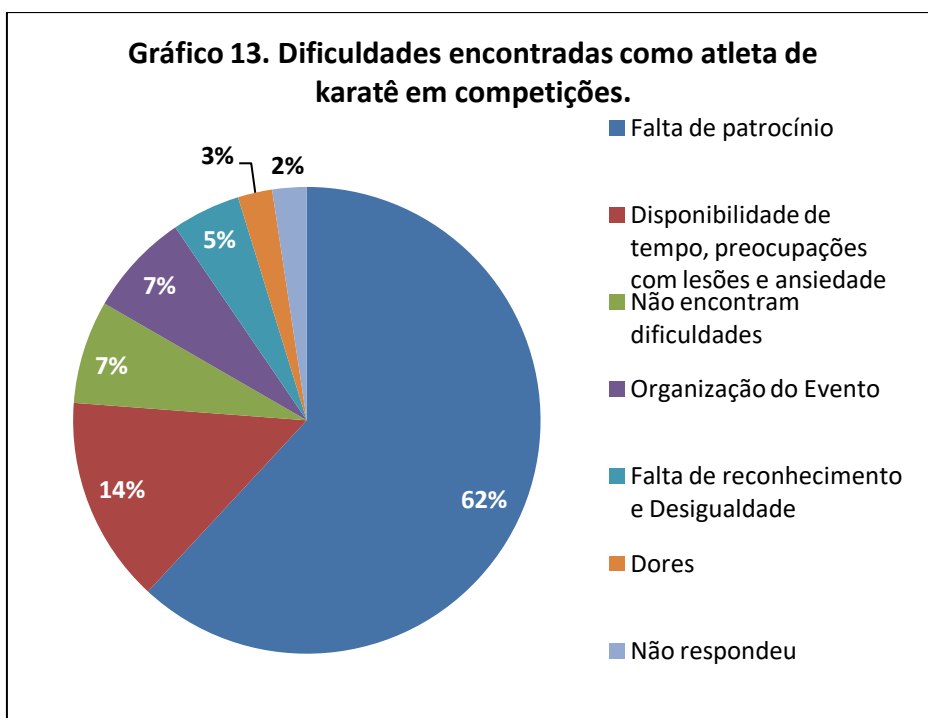
O Gráfico 10 mostra a idade dos participantes entrevistados, tendo maior incidência atletas de 10 a 19 anos de idade, sendo estes 24 entrevistados (57%); 9 atletas a partir dos 30 anos de idade ocupando 22% do gráfico; 6 (14%) com idade entre 20 e 29 anos; e 3 (7%) não responderam a idade.



O Gráfico 11 apresenta o tempo de prática dos atletas, sendo 31 (74%) entrevistados com até 10 anos de prática; 7 (17%) com 11 a 20 anos; e 4 (9%) com mais de 20 anos de prática.

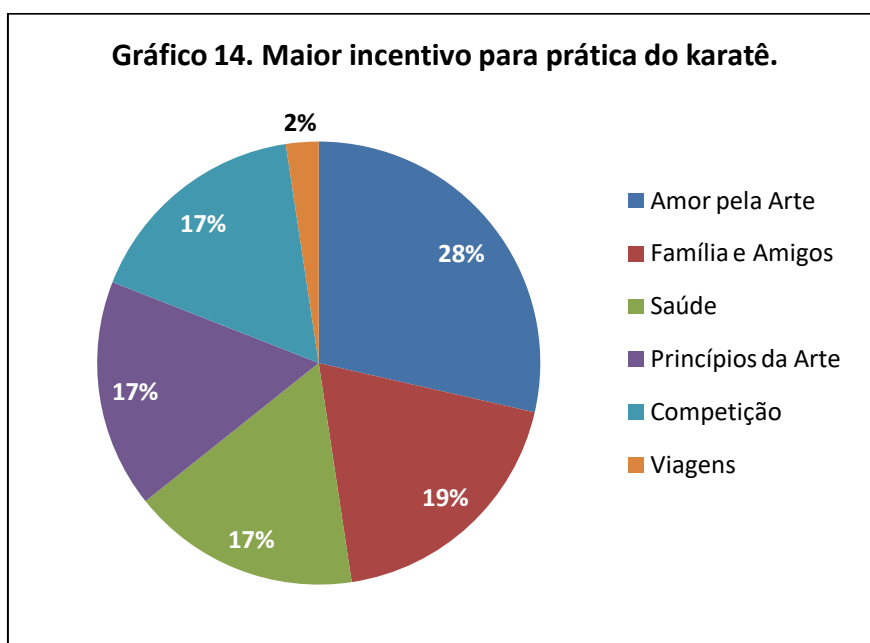


O Gráfico 12 mostra como os entrevistados se interessaram pelo karatê, sendo 19 (45%) por incentivo dos pais e/ou amigos, 13 (31%) afirmaram que tiveram interesse próprio ou motivados por indicação médica e condicionamento físico; 5 (12%) afirmaram que o interesse veio por meio de filmes que assistiram; 4 (10%) dos entrevistados afirmaram que o incentivo foi por meio da escola onde estudavam; e 1 (2%) por meio de projetos sociais.



O Gráfico 13 apresenta quais as dificuldades enfrentadas como atleta de karatê nas competições. Dos participantes, 26 (62%) afirmaram a falta de patrocínio; 6 (14%)

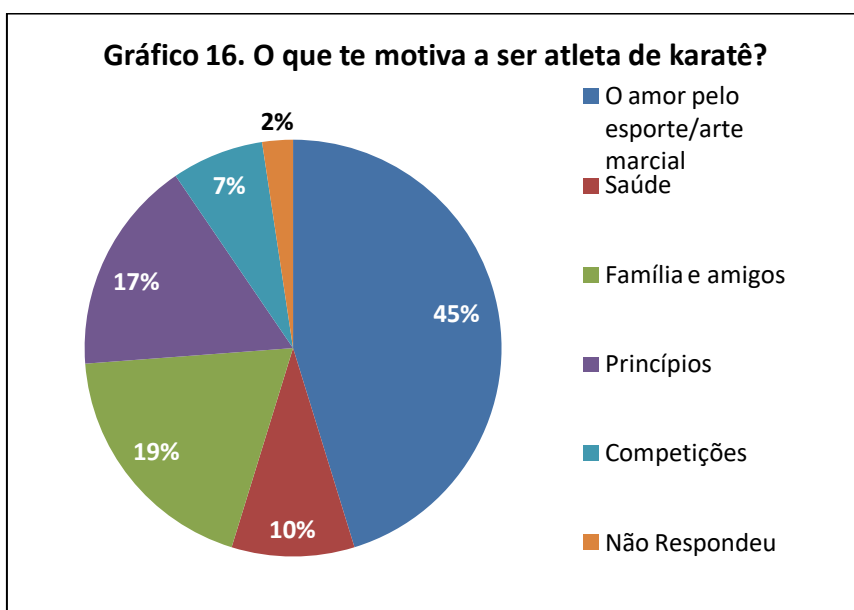
declararam disponibilidade de tempo, preocupações com lesões e ansiedade; 3 (7%) atletas responderam que a organização do evento é uma das dificuldades encontradas nos eventos; 3 (7%) asseguraram que não encontram dificuldades; 2 (5%) respondeu que a falta de reconhecimento como atleta e a desigualdade são fatores que dificultam a prática; 1 (2%) relatou sobre as dores; e 1 (2%) optou por não responder.



O Gráfico 14 apresenta o maior incentivo pela prática do esporte. Dos participantes, 12 (28%) afirmaram ser o amor pela arte o maior incentivo; 8 (19%) responderam que o incentivo vem de familiares e amigos; 7 (17%) dizem que o incentivo é a saúde, a competição e os princípios aprendidos no karatê; e 1 (2%) declarou que o maior incentivo são as viagens para competir.

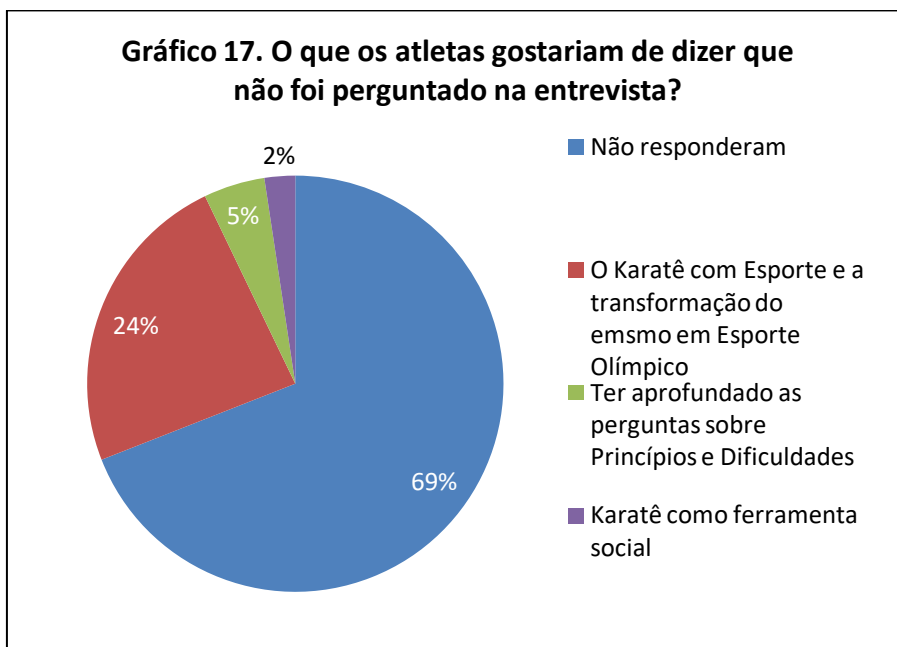


O Gráfico 15 apresenta que 35 (83%) dos entrevistados responderam que gostariam de melhorias de incentivo financeiro e do governo, possibilitando melhor acesso à prática; 3 (7%) responderam que deveria haver melhorias técnicas como árbitros de vídeo, além da estrutura das competições; 2 (5%) dos entrevistados disseram que gostariam da melhora na divulgação do esporte no Brasil; 1 (2%) entrevistado disse que a inclusão deveria ser um ponto a ser revisto pelos organizadores dos eventos; e 1 (2%) entrevistado não respondeu ao questionário.



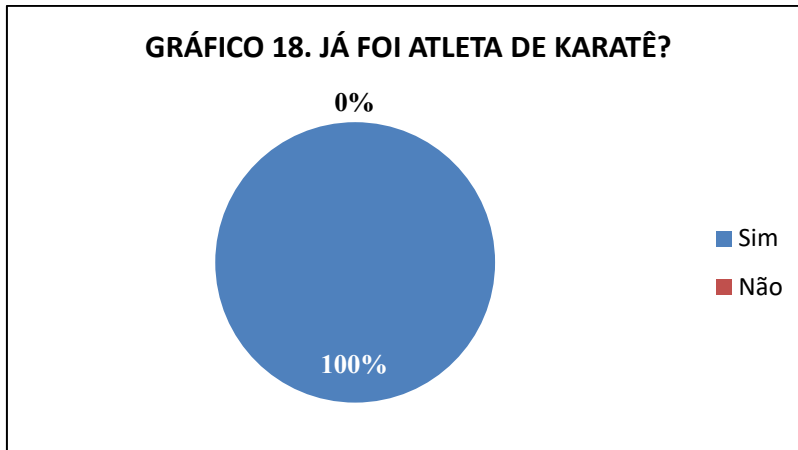
O Gráfico 16, questionando sobre a motivação dos atletas, teve como maior porcentagem 19 (45%) das respostas, dizendo que a maior motivação vinha do amor pelo

esporte/arte marcial; 8 (19%) afirmaram que a maior motivação vem da família e amigos; 7 (17%) disseram que os princípios da arte os motiva a praticar; 4 (10%) disseram que manter a saúde é sua motivação; 3 (8%) disseram que a competição é o motivo da prática do karatê; e 1 (2%) pessoa não respondeu.

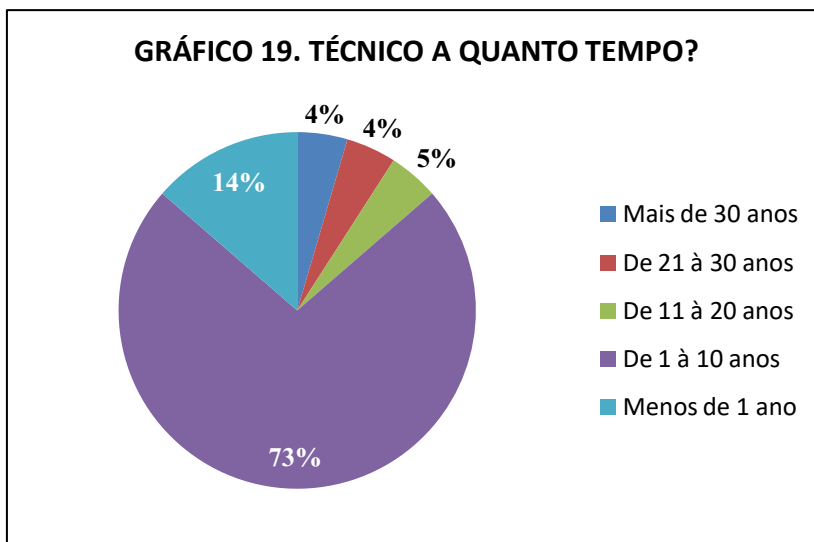


No Gráfico 17, sobre o que não foi abordado na entrevista, a maior parte dos atletas, sendo 29 deles (69%), não responderam, seguido de 10 (24%) que disseram que o questionário deveria conter perguntas sobre o karatê como esporte e a sua transformação em esporte olímpico; 2 (5%) disseram que o questionário poderia conter perguntas mais aprofundadas sobre os princípios e as dificuldades encontradas no karatê; e 1 (2%) disse que o questionário poderia ter abordado perguntas do karatê como ferramenta social.

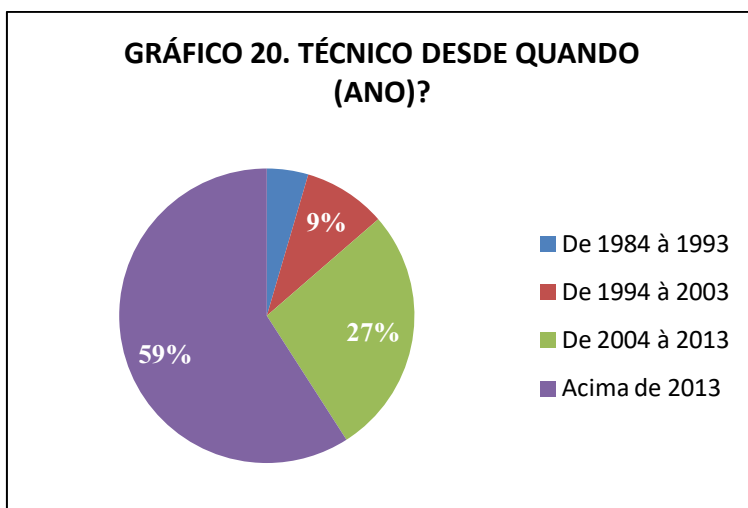
Resultado da tabulação do questionário aplicado com técnicos em março de 2018 no Campeonato Mineiro de Karatê-Do.



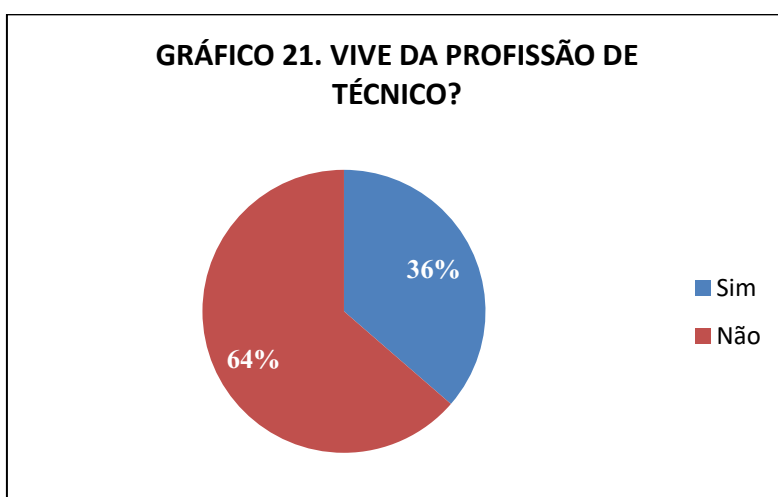
O Gráfico 18 apresenta que todos os 22 (100%) técnicos entrevistados já foram atletas de karatê, podendo observar a influência do esporte sobre os atletas para que se tornem treinadores.



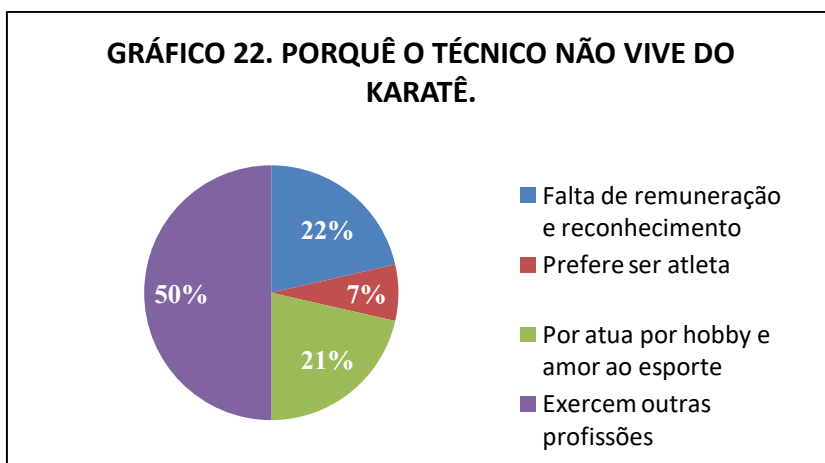
O Gráfico 19 indica que 16 (73%) dos entrevistados já são técnicos entre 1 e 10 anos; 3 (14%) responderam que são a menos de 1 ano; 1 (5%) técnico afirmou já ser a mais de 30 anos; 1 (5%) entre 21 e 30 anos; e 1 (5%) respondeu ser técnico entre 11 e 20 anos.



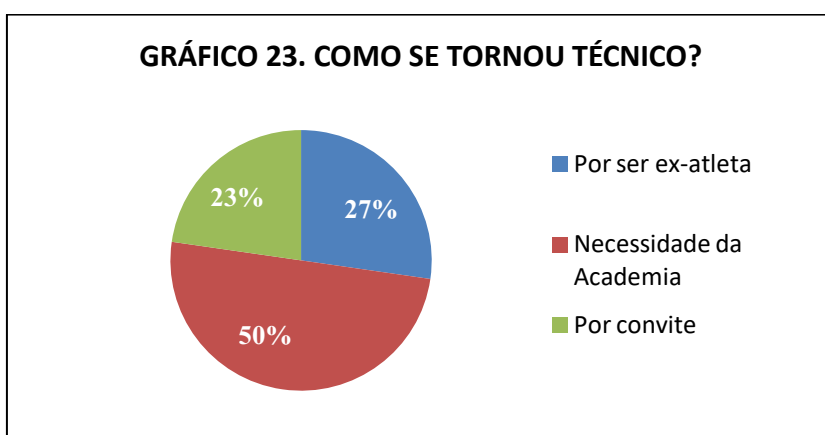
No Gráfico 20, os entrevistados responderam quando começaram a atuar como técnicos de karatê, assim, 13 (59%) afirmaram que já estão na área desde 2013; 6 (27%) responderam que atuaram entre 2004 e 2013; 2 (9%) entre 1994 e 2003 e 1 (5%) respondeu ter desempenhado o papel de técnico entre 1984 e 1993.



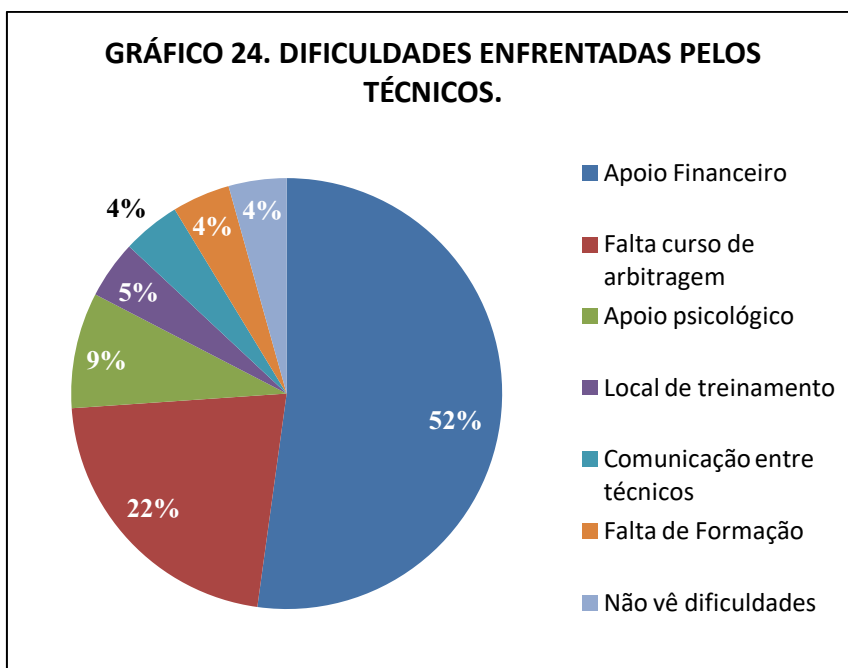
No Gráfico 21, temos como resultado que 14 (64%) dos entrevistados responderam que não vivem da profissão de técnico de karatê e 8 (36%) responderam que sim, que vivem da profissão.



O Gráfico 22 apresenta o porquê dos técnicos não viverem do karatê, sendo que 7 (50%) responderam que exercem outras profissões; 3 (21%) afirmaram que atuam como técnicos por *hobby* e amor ao esporte; 3 (21%) responderam que a falta de remuneração e reconhecimento é um dos motivos para não viverem apenas como técnicos de karatê; e 1 (7%) respondeu que prefere ser atleta.



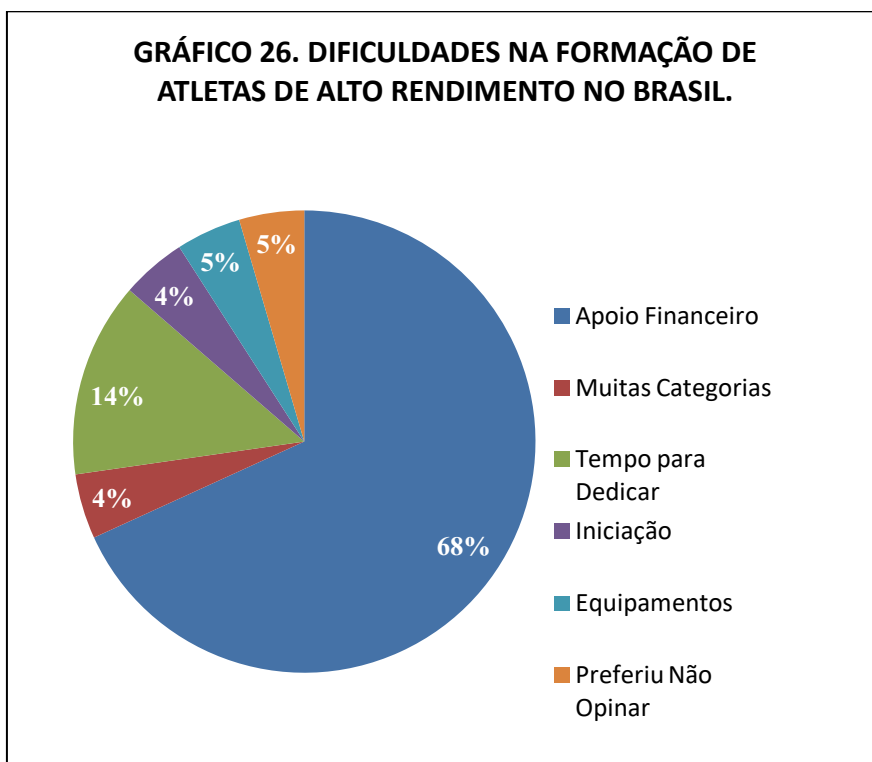
O Gráfico 23 apresenta como os entrevistados tornaram-se técnicos de karatê, destes, 11 (50%) responderam que se tornaram técnicos por necessidade da academia onde treinavam; 6 (27%) responderam que por serem ex-atletas e 5 (23%) afirmaram que receberam convite para serem técnicos.



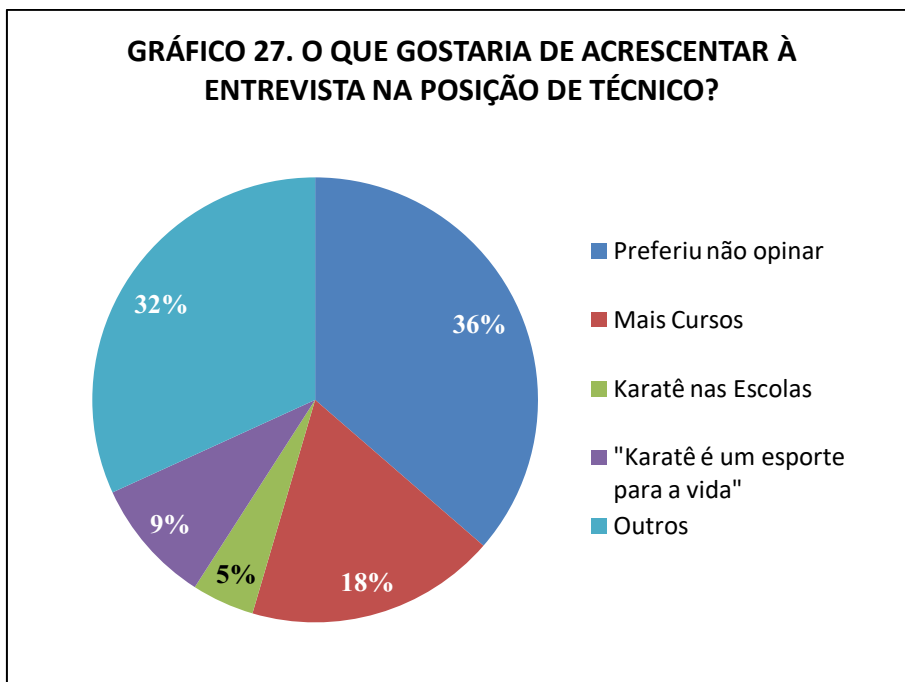
O Gráfico 24 apresenta as dificuldades enfrentadas pelos técnicos no exercício da profissão/atividade. Dos entrevistados, 12 (52%) responderam que o apoio financeiro é a maior dificuldade enfrentada; 5 (22%) afirmaram que falta curso de arbitragem; 2 (9%) responderam que falta apoio psicológico; 1 (4%) respondeu que o local de treinamento é uma dificuldade; 1 (4%) respondeu que a comunicação entre os técnicos é uma das dificuldades encontradas; 1 (4%) respondeu que a falta de formação também é uma dificuldade; e 1 (4%) respondeu que não vê dificuldades enfrentadas pelos técnicos.



O Gráfico 25 apresenta as respostas dos técnicos entrevistados quanto ao que eles gostariam que mudasse para que as condições de trabalho melhorassem. Assim, 10 (45%) responderam que gostariam de melhorias na iniciativa da Confederação Brasileira de Karatê (CBK); 5 (23%) responderam que a valorização do esporte poderia ser uma das melhorias; 3 (14%) preferiram não opinar sobre o que gostaria que melhorasse; 2 (9%) responderam que a melhoria poderia ser na captação de recursos; 1 (5%) respondeu que a melhoria poderia ocorrer nos equipamentos para os treinos; e 1 (5%) respondeu que poderia ter maior envolvimento do país.



O Gráfico 26 apresenta o que mais dificulta os técnicos a formarem atletas de alto rendimento neste país. Assim, 15 (68%) responderam que o apoio financeiro é uma dificuldade encontrada; 3 (14%) responderam que o tempo para se dedicar ao esporte é uma das dificuldades; 1 (5%) respondeu que por haver muitas categorias, encontra nisso uma dificuldade; 1 (5%) respondeu que a iniciação ao esporte é uma dificuldade; 1 (5%) relatou que os equipamentos é uma das dificuldades; e 1 (5%) preferiu não opinar.



No Gráfico 27 é apresentado o que os entrevistados gostariam de dizer sobre ser técnico que não foi perguntado anteriormente na entrevista. Assim, 8 (36%) preferiram não opinar; 7 (32%) responderam outros motivos; 4 (18%) responderam que poderia ser ofertado mais cursos de técnicos; 2 (9%) responderam que o karatê é um esporte para a vida e 1 (5%) respondeu que deveria ter karatê nas escolas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar, vamos fazer uma síntese abordando os principais resultados apontados pelos árbitros, atletas e técnicos participantes.

De um modo geral, vamos relatar o que apontou a maioria dos resultados dos respondentes árbitros. A maioria dos respondentes relataram que eles foram atletas, estando na área entre 1 e 10 anos e atuando na profissão pela mesma quantidade de anos. A maioria deles foram atletas por 10 anos, tornaram-se árbitros no período de 1991 a 2000 e a razão foi para estarem mais próximos do esporte. Vários motivos levaram os respondentes a tornarem-se árbitros e podemos dizer que os motivos foram mais por romantismo do que por profissionalismo. As dificuldades apresentadas por eles estão mais relacionadas a recursos financeiros para viagens, recursos materiais e humanos.

No que se refere aos atletas, as respostas não vão em caminhos muito diferentes das apontadas pelos árbitros.

A maioria dos atletas participantes desta pesquisa eram jovens de 10 a 19 anos, com até 10 anos de prática, e foram motivados pelos pais e amigos. A maioria deles também identificam as dificuldades enfrentadas como a falta de reconhecimento dos atletas, as desigualdades e a falta de incentivo. Estão participando dos campeonatos como atletas pelo amor à arte. Gostariam que o cenário mudasse e acreditam que se tivessem incentivo financeiro do governo poderia ser diferente.

Os técnicos também apresentaram em suas falas respostas semelhantes a dos árbitros e a dos atletas. Todos os técnicos participantes da pesquisa foram atletas e estão atuando, na maioria de 1 a 10 anos, como técnicos. Tornaram-se técnicos após o ano de 2013, de certa forma ainda recente. A maioria, assim como os árbitros e os atletas, não caracteriza ser técnico como profissão. Tornaram-se técnicos, na maioria das vezes, por necessidade da academia onde frequentavam. As maiores necessidades deles são o apoio financeiro e a formação profissional.

Podemos concluir, após identificar todas as respostas, um imenso descaso com o esporte brasileiro, mais especificamente falando aqui da luta, karatê, que foi o que pesquisamos e acompanhamos por todo o evento.

A falta de incentivo financeiro, profissionalismo, organização e gestão estrutural é o que implica em falta de política pública para o esporte brasileiro. O conceito de políticas públicas é aqui entendido como uma estratégia de intervenção e regulação do Estado (e daqueles que o administram), que objetiva alcançar determinados resultados ou produzir certos efeitos no que diz respeito a um problema ou a um setor da sociedade (MENICUCCI, 2006).

A sobrevivência do esporte, pela fala dos respondentes, está, ainda, pelo romantismo pela arte marcial e pelo amor ao esporte, que ainda sobrevive por doações e por emendas parlamentares de vereadores que esporadicamente fazem projetos para o desenvolvimento do esporte e lazer, o que não vamos, neste momento, analisar e colocar em pauta.

Para mudar essa realidade concordamos com Santos e Pinto (1998, p.3) quando diz que:

Não mais assumimos o Esporte e o Lazer como algo inútil e gratuito: inútil por ser considerado não-sério, improdutivo; gratuito por ser considerado desinteressado das causas sociais. Ao contrário, acreditamos nas práticas do Esporte e do Lazer comprometidas com a formação para a cidadania e a compreensão dos sujeitos enquanto totalidade corpo que se constitui nas suas práticas socioculturais. Ao mesmo tempo, assumir esses desafios significa ainda dizer que precisamos repensar valores, funções e papéis sociais que nossa sociedade vem historicamente determinando para o

Esporte e o Lazer, influenciando as nossas concepções a seu respeito, os nossos hábitos e as nossas políticas.

Nos cabe, também, aqui refletir, mesmo que de forma sucinta, a importância do papel das universidades brasileiras para a realização de pesquisas de políticas públicas, gestão e treinamentos de esportes de alto rendimento e atividades de lazer para o avanço da ciência nessa área, assim como a gestão de políticas públicas para que as práticas sociais possam ser realizadas, de fato, e que estas não se atenham ao amadorismo como vimos na realidade desse evento que acompanhamos, e levando em conta a fala dos respondentes da pesquisa, visando colaborar para mudar essa realidade ainda identificada na pesquisa do esporte brasileiro.

KARATE AS A SOCIAL PRACTICE: professional reality experienced by referees, coaches and athletes of the Mineiro Championship held in Uberlândia/MG in 2018

ABSTRACT: This was an exploratory field research. The overall objective was to analyze karate sport as a social practice, using as a means, the participation of referees, athletes and coaches of the Mineiro Championship held in Uberlândia in 2018. More specifically, to identify the professional reality experienced by the referees, coaches and athletes who participated in the event. The study sample was determined by at least 90% of the referees, 40% of the athletes, and at least 80% of the coaches participating in the event. The data collection instruments were three questionnaires, one directed to the coaches, another to the athletes and another to the referees. The analyzes were both quantitative and qualitative. We check the percentage of the answers as well as analyze in the end the content contained in them. The main results indicate that most referees were athletes and became referees more for romanticism than for professionalism. Regarding athletes, they all talked about participating in the championships for the love of art and not as a profession, they are young and were motivated by parents and friends. All respondent coaches said they were athletes and that being coaches does not characterize their profession, they also claimed the need for professional training. All three categories, referees, athletes and coaches, pointed out as problems the lack of financial, material and human resources. We can conclude, after identifying all these lines, a huge neglect with the Brazilian sport, more specifically speaking here about the fight, karate, which was what we researched and followed throughout the event. We identified the lack of financial incentive, professionalism, organization and structural management which, in our understanding, implies a lack of public policy for the Brazilian sport. The sport, according to the respondents, still lives by romanticism for the martial art and the love of the sport, it still survives by donations and parliamentary amendments of councilors who, sporadically, make projects for the development of sport and leisure, something that we will not, at this time, analyze and put on the agenda. We must also reflect, however briefly, the importance of the role of Brazilian universities in conducting public policy research, management and training of high performance sports and leisure activities for the advancement of science in this area, as well as the management of public policies so that social practices can be carried out, and that they do not focus on amateurism, as we saw in the event we followed, taking into account the position of the survey respondents, aiming to collaborate to change the reality of Brazilian sport.

KEYWORDS: karate; karate mining championship; social practice.

KARATE COMO PRÁCTICA SOCIAL: realidad profesional experimentada por los árbitros, entrenadores y atletas del Campeonato Mineiro celebrado en Uberlândia/MG en 2018

RESUMEN: Esta fue una investigación de campo exploratoria. El objetivo general fue analizar el deporte de karate como práctica social, utilizando como medio la participación de árbitros, atletas y entrenadores del Campeonato Mineiro celebrado en Uberlândia en 2018. Más específicamente, identificar la realidad profesional experimentada por los árbitros, entrenadores y atletas que participaron en el evento. La muestra del estudio fue determinada por al menos el 90% de los árbitros, el 40% de los atletas y al menos el 80% de los entrenadores que participaron en el evento. Los instrumentos de recolección de datos fueron tres cuestionarios, uno dirigido a los entrenadores, otro a los atletas y otro a los árbitros. Los análisis fueron tanto cuantitativos como cualitativos. Verificamos el porcentaje de las respuestas y analizamos al final el contenido que contienen. Los principales resultados indican que la mayoría de los árbitros eran atletas y se convirtieron en árbitros más por el romanticismo que por el profesionalismo. Con respecto a los atletas, todos hablaron de participar en los campeonatos por amor al arte y no como profesión, son jóvenes y fueron motivados por padres y amigos. Todos los entrenadores encuestados dijeron que eran atletas y que ser entrenadores no caracteriza su profesión, también afirmaron la necesidad de entrenamiento profesional. Las tres categorías, árbitros, atletas y entrenadores, señalaron como problemas la falta de recursos financieros, materiales y humanos. Podemos concluir, después de identificar todas estas líneas, una gran negligencia con el deporte brasileño, más específicamente hablando aquí sobre la pelea, el karate, que fue lo que investigamos y seguimos durante todo el evento. Identificamos la falta de incentivos financieros, profesionalismo, organización y gestión estructural que, a nuestro entender, implica una falta de políticas públicas para el deporte brasileño. El deporte, según los encuestados, todavía vive del romanticismo por el arte marcial y el amor por el deporte, aún sobrevive gracias a donaciones y enmiendas parlamentarias de concejales que, esporádicamente, realizan proyectos para el desarrollo del deporte y el ocio, algo que no haremos, en este momento, analizar y poner en la agenda. También debemos reflejar, aunque sea brevemente, la importancia del papel de las universidades brasileñas en la realización de investigaciones de políticas públicas, gestión y capacitación de actividades deportivas y de ocio de alto rendimiento para el avance de la ciencia en esta área, así como la gestión de las políticas públicas para que las prácticas sociales puedan llevarse a cabo, y que no se centren en el amateurismo, como vimos en el evento que seguimos, teniendo en cuenta la posición de los encuestados, con el objetivo de colaborar para cambiar la realidad del deporte brasileño.

PALABRAS CLAVE: karate; campeonato de minería de karate; práctica social.

REFERÊNCIAS

BARREIRA; MASSIMI. O caminho espiritual do corpo: a dinâmica psíquica no Karatê-do Shotokan. *Revista Memorandum*. Belo Horizonte: UFMG, nº 11, out, 2006.

CARREIRO, E. A. Lutas. In: DARIDO, S. C; RANGEL, I. C. A. (Orgs.). *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005

FROSI, T. O.; MAZO, J. Z. Repensando a história do Karatê contada no Brasil. *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*. São Paulo, v.25. n.2, abr./jun, 2011.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

KANASHIRO, C. *Karatê-do: da arte marcial ao esporte*. Trabalho de Conclusão de Curso. Rio Claro, UNESP, 2008.

KENYU-RYU (2016). Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Kenyu-ryu>>. Acesso em 12/04/2018.

LOPES FILHO, B. J. P.; MONTEIRO, A. O. A simbologia presente nos estilos de Karate-Dō. *Rev Bras. Educ. Fís. Esporte*, São Paulo, Jun-Set, 2015.

MATTAR, Fauz Najib. *Pesquisa de Marketing: metodologia, planejamento, execução e análise*. 7ª ed. Ed: Campus, 2014.

MENICUCCI, T. Políticas Públicas de lazer. Questões analíticas e desafios políticos. In: ISAYAMA, H. F., LINHALES, M. A. *Sobre Lazer e Política: maneiras de ver, maneiras de fazer*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

NUNES, H. C. B. Lutas e artes marciais: possibilidades pedagógicas na Educação Física escolar. *EF Deportes.com. Buenos Aires, año 18, n. 183, p. 1-20, ago. 2013*.

PROJETO. *Campeonato Mineiro de Karatê – Seletiva para o Brasileiro Oficial – Seletiva Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*. Digitalizado. 2017.

SANTOS, L. M.; PINTO, M. Políticas Públicas de esporte e lazer: caminhos participativos. *Revista Motrivivência*. Ano X, n2 11, Julho/1998

SPINK, P. K. *Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva de pós – construcionista*. Psicol. Soc. vol.15 no.2. Porto Alegre, July/Dec. 2003. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em 02 de dez. 2010.

TAKEY. Takey Sports. Disponível em: <<https://www.takeysports.com.br/>>. Acesso em: 04/02/2018.